

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 12
Número 2
Dezembro 2023

OS DESDOBRAMENTOS RELACIONAIS NA COMUNIDADE DA FÉ: UMA EXEGESE DE COLOSSENSES 3.12-17

*RELATIONAL DEVELOPMENTS IN THE COMMUNITY OF FAITH: AN
EXEGESIS OF COLOSSIANS 3.12-17*

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão¹

RESUMO

Este artigo traz uma proposta exegética com ênfase histórica e linguística da perícopes do texto grego de Colossenses 3.12-17. Os desafios da comunidade cristã na antiga Colossos são abordados por Paulo de modo a serem exportados a desenvolverem virtudes fraternais fundamentais que propiciassem uma espiritualidade saudável e prolífica.

Palavras-chave: Colossenses. Exegese. Novo Testamento Grego. Teologia Paulina. Igreja Primitiva.

ABSTRACT

This article presents an exegetical proposal with a historical and linguistic emphasis on the pericope of the Greek text of Colossians 3.12-17. The challenges of the Christian community in ancient Colossae are addressed by Paul in order to be exported to develop fundamental fraternal virtues that would provide a healthy and prolific spirituality.

Keywords: Colossians. Exegesis. Greek New Testament. Pauline Theology. Primitive Church.

¹ Luiz Sayão, teólogo, linguista e hebraísta (Mestrado USP), tradutor da Bíblia, é professor da área bíblica e teológica, bem como conselheiro acadêmico da Faculdade Batista Pioneira e pastor da Igreja Batista Nações Unidas em São Paulo. E-mail: sayaoluiz@gmail.com

INTRODUÇÃO

Colossos era uma cidade da Frígia, na antiga Ásia Menor romana, próxima ao rio Lico, na época do Novo Testamento. Hoje suas ruínas estão localizadas no território da Turquia, *Tel Colossae*, e permanece ainda não escavado. A partir dos escritos neotestamentários, conclui-se que o apóstolo Paulo não visitou a cidade em suas viagens missionárias registradas no livro de Atos (caps. 13-21). Tudo indica que a fé cristã chegou ali por meio da pregação de Epafras (1.7; 4.12). Colossenses também é conhecida como uma das “epístolas da prisão”, repleta de paralelos e conexões muito bem definidas com Efésios e Filemom. A posição mais razoável quanto à datação é a de que Paulo escreveu a carta em Roma por volta dos anos 61-62. Alguns eruditos, porém, preferem Cesareia (Marítima) como lugar de origem da epístola, escrita entre 57-59. Estudiosos mais críticos sugerem que a carta é um escrito deuteropaulino.

A leitura de Colossenses nos revela que o propósito de Paulo era combater uma heresia que mesclava elementos do judaísmo do primeiro século com o paganismo local. Os novos crentes de Colossos enfatizavam a circuncisão (2.11), a observância de sábados e datas e leis que restringiam certos alimentos (2.16). Além disso, pareciam criar na mediação de diversas potestades entre Deus e os homens. Praticavam o chamado “culto dos anjos” (2.18) e tinham práticas ascéticas (2.20,21). Havia como que uma espécie de gnosticismo incipiente na igreja, que, dentre vários desencontros doutrinários, enfatizava o mal da matéria, misturando-se também com uma influência legalista de perfil farisaico.² A concepção da soteriologia apostólica estava ameaçada, e a unidade da igreja, abalada. É desta epístola que selecionamos aqui uma perícopé cujo conteúdo é um desafio para a tradição cristã inclusive de nossa época.³

² A avaliação da chamada heresia colossense abre caminho para ampla discussão. Vale considerar os estudos aqui mencionados: ARNOLD, Clinton. *The Colossian Syncretism: the interface between Christianity and Folk Belief in Colossae*. Grand Rapids: Baker, 1996. BRUCE, F. F. “The Colossian Heresy.” *Bibliotheca Sacra* 141, 1984. FRANCIS, F. O.; MEEKS, W. A. *Conflict at Colossae*. Missoula: Scholars Press, 1973. HOUSE, H. Wayne. “Heresies in the Colossian Church.” *Bibliotheca Sacra* 149, 1992. HOOKER, Morna D. “Were There False Teachers in Colossae?” *Christ and Spirit in the New Testament*. Cambridge: Cambridge Press, 1973. STETTLER, Christian. “The Opponents at Colossae.” PORTER, Stanley E. (edit.). *Paul and His Opponents*. Leiden: Brill, 2005.

³ Uma discussão pormenorizada em português sobre Colossenses pode ser encontrada nas seguintes obras importantes: MARTIN, Ralph. *Colossenses e Filemon: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1984, p. 13-52; KÜMMEL, W. G. *Introduction to the New Testament*. SCM, 1966, p. 237-245 (publicada em português por Edições Paulinas como *Introdução ao Novo Testamento*); BEALE, Gregory K. “Colossenses”. BEALE, G. K.; CARSON, Donald A. (org.) *Comentário do uso do Antigo no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014; O'BRIEN, Peter T. “Cartas aos Colossenses”. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova / Paulus / Loyola, 2008; HENDRIKSEN, William. *Colossenses e Filemom*. São Paulo: Cultura Cristã, 1993; HAHN, Eberhard. *Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses: Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 2006. Obras de referência de expressão sobre Colossenses merecem menção aqui: ABBOTT, T. K. *The Epistles to the Ephesians and to the Colossians*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1897; ALETTI, Jean Noël. *Lettera ai Colossesi*. Bologna: EDB, 1994; BARTH, Markus; BLANKE, Helmut; BECK, Astrid B. *Colossians: A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven-London: Yale University Press, 2008; BEETHAM, Christopher A. *Echoes of Scripture in the Letter of Paul to the Colossians*. Leiden-Boston: Brill, 2008; BUJARD, Walter. *Stilanalytische Untersuchungen zum Kolosserbrief: als Beitrag zur Methodik von Sprachvergleichen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1973; BRACE, E. F. *The Epistles to the Colossians, to Philemon and to the Ephesians*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1984; CAIRD, G. B. *Paul's Letters from Prison*. Oxford: University Press, 1976; DIBELIUS, Martin. *An die Kolosser, Epheser, an Philemon*. 3.ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1953; HOULDEN, J. L. *Paul's Letters from Prison*. Philadelphia: Westminster, 1970; LIGHTFOOT, J. B. *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*. London, Macmillan, 1890; LOHMEYER, E. *Die Briefe an die Philipper, an die Kolosser und an Philemon*. 13.ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1964; LOHSE, E. *Colossians and Philemon*. Philadelphia: Fortress Press, 1971; MOULE, C. F. D. *The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*. CGTC. Cambridge: University Press, 1957; O'BRIEN, Peter T. *Colossians, Philemon*. Word Biblical Commentary. Waco: Word, 1982. Vol. 44; PATZIA, A. G. *Colossians, Philemon, Ephesians*. San Francisco: Harper & Row, 1984; SCHWEIZER, E. *The Letter to the Colossians: a commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1982; WRIGHT, N. T. *The Epistles of Paul to the Colossians and to Philemon*. TNTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1986; DUNN, James D. G. *The Epistles to the Colossians and to Philemon*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996; HARRIS, Murray J. *Colossians & Philemon*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991; MOO, Douglas. *The Letters to the Colossians and to Philemon*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008; PAO, David W. *Colossians & Philemon*. Grand Rapids: Zondervan, 2012; COPENHAVER, Adam. *Reconstructing the Historical Background of Paul's Rhetoric in the Letter to the Colossians*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2018; FRANK, Nicole. *Der Kolosserbrief im Kontext des paulinischen Erbes: eine intertextuelle Studie zur Auslegung und Fortschreibung der Paulustradition*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009; PÉREZ MILLOS, Samuel. *Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Colosenses*. Barcelona: CLIE, 2015; SCHWEIZER, Eduard. *La Carta a los Colosenses*. Salamanca: Sígueme, 1987; STANDHARTINGER, Angela. *Studien zur Entstehungsgeschichte und Intention des Kolosserbriefs*. Leiden: Brill, 1999.

1. COLOSSENSES 3

¹² Revistam-se, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e longanimidade. ¹³ Suportem-se uns aos outros e perdoem-se uns aos outros quando alguém tiver queixa contra o outro. Assim como o Senhor os perdoou, façam vocês também. ¹⁴ Acima de todas estas (virtudes), porém, (revistam-se) do amor, que é vínculo da perfeição.

¹⁵ Que a paz de Cristo seja o juiz em seus corações (entre vocês), para a qual também vocês foram chamados, em um corpo. E sejam agradecidos. ¹⁶ Habite ricamente entre vocês a palavra de Cristo; ensinem-se e aconselhem-se uns aos outros com toda sabedoria; e cantem com gratidão salmos, hinos e cânticos espirituais a Deus em seus corações. ¹⁷ E tudo o que fizerem em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai.

Antes de entramos na análise detalhada da perícopos de 3.12-17, vale considerar o esboço geral da carta para uma visão mais clara de Colossenses:

1. Introdução: 1.1–8

A. Destinatários: 1.1–2

B. Ação de Graças: 1.3–8

2. A Carta aos Colossenses: 1.9–4.6

A. O Evangelho Apostólico: 1.9–2.7

1. Oração pelo Conhecimento de Deus: 1.9–12

2. O Papel de Cristo na Salvação: 1.13–23

a. Declaração Primeira: 1.13–14

b. Hino em Louvor a Cristo: 1.15–20

c. Apelo à fidelidade ao Evangelho: 1.21–23

3. O Papel do Apóstolo Paulo: 1.24–2.5

4. Exortação: 2.6–7

B. Advertência contra os falsos mestres: 2.8–23

1. As tradições humanas e a pessoa e obra de Cristo: 2.8–15

2. A rejeição do legalismo místico: 2.16–23

C. A Nova Vida em Cristo: 3.1–4.6

1. Convocados para a nova vida: 3.1–17

a. Pensar nas coisas do alto: 3.1–4

b. Fazer morrer a velha natureza: 3.5–11

c. Revestir-se da nova natureza: 3.12–17

2. Conselhos práticos para a vida: 3.18–4.6

a. Na família: 3.18–4.1

b. Na oração: 4.2–4

c. Na sociedade: 4.5–6

3. Desfecho da carta: 4.7–18

A. Saudações aos irmãos: 4.7–14

B. Sobre a igreja de Laodiceia: 4.15–16

C. Recomendação a Arquipo: 4.17

D. Saudação final: 4.18

A perícopos de Colossenses a ser aqui comentada (3.12-17) está diretamente vinculada ao trecho

anterior de 3.1-11 que deve ser subdividido entre 3.1-4 e 3.5-11. Depois de denunciar os ensinamentos de perfil pré-gnóstico e legalista farisaico e de argumentar em favor da plena divindade de Cristo em 2.8-23, Paulo passa a recomendar um comportamento cristão genuíno. No trecho de 3.1-4, ele conclama os leitores a se voltarem para “as coisas que são de cima”, fundamentando a motivação para isso em nossa ressurreição com Cristo e na manifestação futura do Senhor. Já no trecho de 3.5-11, o apóstolo Paulo apresenta dois verbos no imperativo aoristo, respectivamente nos vv. 5 e 8, num contexto da necessidade de rejeição da conduta da vida pecaminosa anterior à conversão a Cristo. Assim, o “mortifiquem” e o “despojem-se” caracterizam bem o trecho imediatamente anterior à perícopa de 3.12-17.

Abrindo a perícopa, o verso 12 começa com um imperativo aoristo ἐνδύσασθε, seguido da conjunção οὐν. A conjunção posposta marca o início do parágrafo, como em 3.1 e 3.5. A tônica desta seção é introduzida quando Paulo enfatiza o “Revistam-se”. A ideia ativa do verbo leva-nos ao conhecimento de que a vida cristã não se restringe ao negativo do “evitar” e ao “não fazer”, mas diz a respeito à prática da virtude, ao “fazer”. Conforme alguns bons estudiosos da sintaxe grega, o aoristo aqui indica a aquisição permanente das virtudes relacionadas⁴ e a urgência de obedecer a essa palavra.⁵ Observe-se que uma declaração apositiva intermedia o verbo e o seu objeto. Trata-se de uma ordem associada ao verso 10, onde Paulo conscientiza seus destinatários da condição de “novo homem” na fé. Ao usar o imperativo na segunda pessoa, o renomado apóstolo qualifica imediatamente os destinatários cristãos. Eles são “eleitos de Deus”.

De fato, Ἐκλεκτος é o termo que designa essa qualidade singular. Trata-se de uma escolha fundamentada na soberania de Deus. A Septuaginta (LXX) utiliza o termo referindo-se a Israel, como povo escolhido por Deus em várias passagens do AT (Is 43.20; 65.9; Sl 104.43; 105.5 etc.). O próprio Cristo também é descrito como eleito no NT (Lc 23.35; Jo 1.34; 1Pe 2.4,6). Antes de conhecerem do que é preciso revestir-se, antes de obedecerem ao mandamento da parte de Deus, os colossenses são notificados de sua posição especial perante Deus como cristãos (Rm 8.33). A percepção dessa realidade é condição necessária para que se possa ter condição de atender às exigências do Senhor. Mediante a consciência da escolha que tivemos da parte de Deus, de nossa separação especial, podemos reagir adequadamente à graça divina que nos elegeu. Esse é o foco do uso do termo.

Prosseguindo na argumentação paulina, vemos que os eleitos de Deus são ainda qualificados no texto por dois outros adjetivos: ἅγιοι καὶ ἠγαπημένοι. Esses termos, santos e amados, devem ser vistos como predicativos⁶ e não como paralelos de eleitos. Portanto, os cristãos de Colossos não são apenas eleitos (escolhidos) de Deus, mas são eleitos especialmente separados⁷ por Deus e amados por Ele. No contexto em que os legalistas farisaicos de perfil pré-gnóstico de Colossos tratavam os membros comuns da comunidade cristã como inferiores, essas palavras adquirem especial sentido. Eles não só não são inferiores, mas também são chamados santos, isto é, separados para serem abençoados com justificação e regeneração. Observemos a conscientização da posição que alcançamos em Cristo. Quando alguém percebe que foi escolhido para ser santo e amado por Deus, há real motivação e disposição de obedecer a Deus. Não se pode construir uma deontologia baseada apenas no dever pelo dever. A fé cristã é muito mais do que mera ética. O cristão vive por causa daquilo que o Senhor fez por ele. Percebe-se assim a importância de reconhecimento de nossa posição antes de que sejam enumeradas nossas “responsabilidades” cristãs. A obediência verdadeira procede do reconhecimento da graça divina demonstrada em Cristo!

⁴ LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus and to Philemon*. Wartburg, 1946, p. 167.

⁵ VAUGHAN, Curtis. *Ephesians – Philemon: The Expositor's Bible Commentary*, Grand Rapids: Zondervan, Vol. 11, p. 214.

⁶ Cf. O'BRIEN, 1982, V. 44, p. 198; e ABBOTT, T. K. *International Critical Commentary*, 1956, Ephesians – Colossians, p. 286.

⁷ “Santo” não se refere aqui a um estado ou qualidade dos crentes, mas ao fato de que Deus os separou, tirando-os deste mundo (Cl 1.12 e s.). Conforme BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (eds). *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, vol. I, p. 19.

No entanto, devemos perguntar: quais são os objetos desse “Revestir-se”? O texto da carta apresenta uma sequência de cinco termos. O primeiro é a “profunda compaixão”⁸; a expressão grega **σπλάγχνα οἰκτιρμοῦ** significa literalmente “entranhas de compaixão”.⁹ Esta linguagem é nitidamente helênica.¹⁰ O verbo correlato é usado com referência à atitude de Jesus diante da necessidade humana nos sinóticos (Mt 14.14; 15.32; Mc 1.41; 6.34; Lc 7.33). É também o que sente o bom samaritano diante do próximo em sofrimento (Lc 10.33). O sentido da locução aqui usada é o de uma afeição profunda, sentida no mais íntimo do ser humano. Essa virtude se destina àqueles que se encontram em situação de desvantagem e de sofrimento. Ao contemplar um desfavorecido por natureza ou por razões de sua trajetória, podemos reforçar o ego, enfatizando a distância entre nós e ele. Todavia, o cristão autêntico, ao ser posto diante do desfavorecido, deve obedecer ao “curioso mandamento” de “sentir profunda compaixão”. É impressionante ver que o texto exige do cristão um comportamento que diz respeito às suas emoções profundas! Como atender a essas palavras? É um alvo humanamente inatingível.

A sequência do texto apresenta o termo **χρηστότητα**, bondade, isto é, uma disposição benevolente. O amor é qualificado pelo verbo correlato em 1 Coríntios 13.4. Compaixão é para desfavorecidos, bondade destina-se a todos. Em vez de estabelecer uma polarização entre “superiores”, dignos de afronta, e “inferiores”, dignos de plena piedade, o texto apresenta também a necessidade de manifestar o bem a todo tipo de pessoa. Conclui-se, portanto, que a bondade é a manifestação da virtude propiciadora do bem ao próximo no sentido mais geral do termo.

O próximo termo do texto, **ταπεινοφροσύνη**, é humildade, sem arrogância,¹¹ com oito ocorrências no Novo Testamento, já usado inclusive em Colossenses 2.18,23. Era com certeza a virtude mais incompreensível para a mentalidade pagã. A língua inglesa tem uma palavra que traduz bem o sentido do termo no NT, “lowliness”. A ideia de humilhação era terrível para quem considerava a força e a coragem virtudes preponderantes, o que de fato predominava no mundo greco-romano. Observe-se que aqui temos no texto uma virtude menos ativa, como é o caso das duas primeiras. Essa virtude diz respeito à nossa reação diante da atitude de outrem.

O texto bíblico prossegue com o termo mansidão, **πραΰτης**, que aparece em seguida e, de acordo com a definição de C. F. D. Moule,¹² significa uma “disposição para fazer concessões”. Vale destacar, conforme observou Ralph Martin,¹³ que o termo possui dois elementos em seu significado essencial: a) consideração para com os outros; b) disposição para abrir mão de um direito indubitável. É importante observar que o adjetivo é utilizado com respeito ao próprio Jesus (Mt 11.29). O termo aparece nove vezes no NT, todas elas nas epístolas paulinas.

A última palavra da lista de Paulo é **μακροθυμία**, longanimidade, isto é, paciência extraordinária. Trata-se de uma tranquilidade diante da provocação ou do infortúnio, sem queixa ou irritação.¹⁴ Essa virtude diz respeito à atitude de suportar uma conduta perversa, sem se deixar dominar pela ira nem por desejo de vingança. O termo aparece 14 vezes no Novo Testamento, duas vezes em Colossenses. Como virtude cristã aparece só nos escritos de Paulo.¹⁵

Todos os termos usados até aqui apresentam virtudes que dizem respeito ao nosso relacionamento com o próximo, à vida em comunidade. A perspectiva de perfil pré-gnóstico e farisaico, influente em

⁸ Excelente discussão sobre o termo acha-se no artigo de ESSER, H. H. **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (NDITNT)**. São Paulo: Vida Nova, 1983, vol. 3, p. 182-184.

⁹ BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. **Greek-English Lexicon of the New Testament**. Oxford Press, p. 561.

¹⁰ Cf. LENSKI, 1946, p. 169.

¹¹ Assim definido no excelente léxico de LOUW, J.; NIDA, E. **Greek Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains**. London: UBS, 1988, p. 748.

¹² MOULE, 1957, p. 123.

¹³ MARTIN, 1984, p. 122.

¹⁴ LOUW; NIDA, 1988, p. 307.

¹⁵ BALZ; SCHNEIDER, 1990, p. 380-381.

Colossos, à semelhança dos hereges combatidos em 1João, faziam grave distinção pecaminosa entre os membros da comunidade cristã. Por essa razão, Paulo começa a exigir dos seguidores de Jesus a prática de virtudes que confrontam o egoísmo humano e produzem verdadeira fé sem a dimensão de comunhão com o semelhante. É dever do cristão genuíno desenvolver essas virtudes, praticando-as, para a verdadeira unidade da igreja. O sério problema do desequilíbrio entre cristianismo individual e comunitário, principalmente ampliado pelo individualismo contemporâneo, coloca a comunidade da fé em posição de grande necessidade de dar atenção a essas palavras do apóstolo. Não há relação com Deus apenas individualmente, desconsiderando-se o irmão em Cristo. Por isso, Paulo deixa bem claras as cinco virtudes: as duas primeiras, ativas, que exigem nossa atitude pronta, e as três últimas, reativas e igualmente importantes.

O verso 13 começa com a frase **ἀνεχόμενοι ἀλλήλων καὶ χαριζόμενοι ἑαυτοῖς**, merecendo destaque aqui os dois participios paralelos que têm sentido imperativo, desenvolvimento gramatical helênico bem discutido por J. H. Moulton.¹⁶ As exigências são do apóstolo são “suportar” e “perdoar”. O pronome **ἀλλήλων**, conforme observa A. T. Robertson,¹⁷ é um genitivo posposto a um verbo emotivo, o que indica que os outros membros do corpo estão em vista.

É muito impressionante o equilíbrio da passagem. De um lado, o texto apresenta imperativos que humilham nossa capacidade de obediência. Todavia, o alvo definido permanece, como ponto aonde se deve chegar: é o saudável inatingível ético. Ninguém poderá cumpri-lo plenamente, nem ao menos poderá afirmar de si mesmo tal conquista. Por outro lado, o texto não perde o senso da realidade humana, isto é, ao lado do imperativo quase inatingível, Paulo solicita o “suportem-se”, plenamente calcado no senso mais realista dos conflitos humanos. Nem só de sonhos e modelos vive o homem, mas também nem só de descrição de sua realidade! O egocentrismo humano proporciona o selecionar arbitrário daquele com quem deve se relacionar; os menos indicados, provavelmente por serem suficientemente distintos do selecionador, são deixados de lado, discriminados e rejeitados. O resultado é que, vivendo em corpo, na igreja, os conflitos devem intensificar-se. Por isso, há aqueles que devemos suportar, reconhecendo nossas incompatibilidades e dificuldades, mas tendo consciência que aquele irmão é um desafio de Deus para nós, fazendo manifestar-se mais uma faceta de nosso egoísmo, que, reconhecida, deve ser trabalhada pela graça de Deus. Portanto, o chamado “irmão difícil” é na verdade uma grande bênção, no sentido de colocar em cheque nosso narcisismo adâmico e de nos dar chance de crescer na fé.

Além de suportar, é preciso perdoar, quando necessário. A oração condicional **ἐάν τις πρὸς τινα ἔχη μομφήν**, traduzida por “quando alguém tiver queixa do outro”, aponta para uma ocorrência previsível de conflito na comunidade. Não é acidental ou excessão. Portanto, as queixas ou mágoas, termo¹⁸ que ocorre apenas aqui em todo o NT, são acontecimentos possíveis e esperáveis. “A queixa contra o outro” mostra a seriedade e a objetividade da questão em jogo. Um grupo de pessoas diferentes irá naturalmente enfrentar atritos relacionais. A sabedoria está em como lidar com tais situações. Normalmente é mais fácil vingar-se ou até mesmo fugir do problema. Todavia, Paulo solicita perdão da parte do ofendido. O uso do participio presente sugere a ideia de continuidade, isto é, deve haver uma disposição constante para exercer o perdão, uma das marcas do cristão genuíno, conforme o próprio Jesus (Mt 18.21-22).

A oração seguinte, iniciada por **καθὼς**, deve ser vista como independente em relação à primeira parte do versículo. O verbo “perdoar” usado com referência ao que Cristo fez por nós, tem o sentido de perdoar livremente, sem ressalvas. A fonte do perdão está naquilo que foi feito por nós. Só um perdoado pode perdoar! A ausência de perdão é sinal de condenação (Mt 6.15). Vale lembrar a parábola

¹⁶ MOULTON, J. H. *Grammar of NT Greek*. 1906, vol. I, p. 180ss.

¹⁷ ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament*. Broadman, p. 508.

¹⁸ Termo que implica culpa. Cf. LOWN; NIDA, 1988, p. 433.

do credor incompassivo (Mt 18.23-35). Como essa questão é séria no Novo Testamento! Assim, fundamentados no exemplo do Filho de Deus, devemos nós também perdoar. A consciência do que Deus fez em meu favor deve diminuir o nível de “indignação” contra o próximo. Alguém cujos erros foram revelados e perdoados teria coragem de condenar seu irmão em Cristo? Afinal, Não era ele mesmo mais condenável perante Deus, que tão bondosamente o perdoou? Por isso, ressalta-se aqui o padrão que nos humilha: “Perdoem como Cristo perdoou”.

O verso 14 é iniciado com a preposição *ἐπί* seguida de dativo, cujo sentido é “em acréscimo a”.¹⁹ A ideia do versículo é que sobre todas as outras virtudes deve ser colocado (vestido) o amor. O texto grego não traz verbo nessa oração. Há uma elipse do “revistam-se” do verso 12. Assim, o amor é o ponto mais alto das virtudes das quais é preciso se revestir. O texto caminha para a ideia, muita enfatizada em Paulo, de que a ética do corpo de Cristo fundamenta-se no amor.

Em seguida, o texto traz um pronome relativo *ὃ*, que não concorda gramaticalmente com amor. Apesar disso, o pronome só pode estar se referindo ao amor, que aqui é chamado *σύνδεσμος τῆς τελειότητος*, “o vínculo da perfeição”. Nessa frase surge o problema sintático da necessidade de explicitação do genitivo.²⁰ Há várias alternativas. Poderia ser um genitivo descritivo: “o vínculo perfeito”; ou apositivo: “o vínculo que consiste na perfeição”; ou até mesmo um genitivo de propósito: “o vínculo que leva à perfeição”. Mas, há ainda a possibilidade de entender o genitivo no contexto das virtudes mencionadas, ficando a tradução “o vínculo que (as) une perfeitamente”, conforme opção da NVI, da NRSV, da NEB e da Einheitsübersetzung Bibel. Ao que tudo indica, essa última opção e a de entender o genitivo como de propósito têm sido preferidas. De qualquer forma, o amor, como elemento que leva à perfeição ou como o unificador perfeito das outras virtudes, recebe destaque importante, fechando a seção. A ideia é que o amor, definido pelo exemplo de Jesus, deve ser a virtude da graça por meio da qual se processará a verdadeira união. Assim, as outras virtudes bem podem ser caracterizadas como facetas do amor, explicitações particulares deste, que deve manter a unidade do corpo.

2. A PAZ COM GRATIDÃO

A palavra paz é introduzida no verso 15. Aqui encontramos a possibilidade de entender o termo como “paz interior, psicológica”, que certamente não é o sentido do texto. O contexto exige que o pensamento de Paulo continue falando da ideia de unidade. Portanto o sentido de paz aqui é o de unidade dentro do corpo. O pano de fundo do termo grego é o hebraico *שלום*,²¹ de sentido muito amplo. Todavia, deve-se levar em conta que o texto trata da paz de Cristo (Jo 14.27), que procede do “Príncipe da Paz” (Is 9.6). Ele é a nossa paz (Ef 2.14), unindo gentios e judeus na igreja, o corpo. Esta paz deve *βραβεύετω*, “ser o juiz”, “governar”, “decidir”; é o sentido desse outro *hapax legoumenon* do NT.

Em seguida temos a frase *ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν*, “em seus corações”, que ocorre nove vezes no NT. Se a paz não é de ordem psicológica, qual o sentido dessa expressão aqui? Conforme D. Wiederkehr,²² a frase deve ser entendida como sinônimo de *ἐν ὑμῖν*, “entre vocês”. Assim, a paz de Cristo deve imperar entre os irmãos na fé, sendo o árbitro decisivo nos conflitos da comunidade. A relevância da paz está no fato de que para ela os colossenses foram chamados; convocados por Deus para estar na esfera de atuação da paz de Cristo. É nessa esfera que deve se realizar o viver cristão. A

¹⁹ O'BRIEN, 1982, p. 203.

²⁰ O'BRIEN, 1982, p. 203. O'Brien apresenta uma boa discussão sobre as possibilidades do genitivo.

²¹ O termo hebraico possui amplo campo semântico. O TDNT, editado por G. Kittel, dedica 20 páginas para falar do termo grego cognato e seus derivados. A amplitude inclui a ideia de prosperidade, bem-estar, paz, plenitude. As ofertas de paz de Levítico recebem quatro diferentes traduções na Elberfelder Bibel: Heilsopfer, Friedensopfer, Abschlussopfer e Gemeinschaftopfer (salvação, paz, encerramento e comunhão)!

²² WIEDERKEHR, D. *Die Theologie der Berufung in den Paulusbriefen*. Universitäts-verlag, 1963, p. 196. Citado por Peter T. O'Brien em seu comentário da série Word.

próxima frase carece de uma ligação explícita com a anterior. Além disso, o texto grego não usa artigo definido; diz apenas **ἐνὶ σώματι**, “um corpo”. É possível, conforme observa C. F. D. Moule,²³ que o sentido mais exato seja o de “como membros de um único corpo”. A NVI traduz: “visto que, como membros de um corpo”. Enfatiza-se, portanto, a unidade, mas não há uma referência explícita ao corpo de Cristo.

A importância da unidade vai-se delineando no texto. Mediante o exercício do amor e do domínio da paz de Cristo, essa unidade deve tomar lugar. Deve ser enfatizado que um dos problemas decorrentes da Queda foi a sua vertente fraternal. Depois de Adão e Eva, Caim mata Abel (Gn 4). Daí processa-se uma história de constante desentendimento humano. Além disso, a diversidade disponível no gênero humano, aliada a um egocentrismo pecaminoso adquirido, possibilita toda sorte de conflitos. Nesse sentido, a igreja é um verdadeiro milagre, pois pretende uma unidade “em Cristo”, aceitando toda a gama de diversidade étnica, sociocultural, educativa *etc.* Esse empreendimento é humanamente impossível!

A próxima frase, cujo tom já se fez sentir em outros trechos da carta (1.3; 1.12; 2.7), parece não ter muita ligação com o que foi dito até então. De repente, Paulo convoca os colossenses a se tornarem agradecidos, **εὐχάριστοι**, forma adjetiva que só aparece aqui no NT. A associação imediata possível é a de agradecer a Deus a paz para a qual eles foram chamados. Todavia, em virtude da presença do tema em outros trechos da carta e da ênfase que o contentamento e a gratidão recebem no NT, a frase parece ter sentido mais profundo. A gratidão é a condição oposta ao sorrateiro desconfiar da bondade de Deus. A fé na bondade de Deus deve produzir um espírito feliz. Descobre-se quem Deus é e o que ele fez, como nos amou em Cristo; surge assim a plena vontade de agradecer-lhe de fato. Isso parece interessante, mas que associação tem com o contexto? A questão é que aquele que tem duvidado da bondade de Deus, sem reconhecer o amor divino, terá dificuldades maiores em seu relacionamento com os outros. Um espírito perturbado e problemático, por não saber lidar com seus problemas e dificuldades pessoais, está preso em seus próprios limites, não possui alegria, e será uma perpétua fonte de conflitos com o próximo. Quem tanto se ofende senão os de ego entronizado? A dimensão das relações humanas é interdependente da relação adequada com Deus, fundamentada na recepção da sua graça bendita! São duas faces inseparáveis da mesma moeda.

O verso 16 traz o verbo comum imperativo presente, **ἐννοκεῖτω**, que solicita a habitação da Palavra de Cristo entre os colossenses. O tempo do verbo indica permanência. A Palavra deve permanecer entre os cristãos. O genitivo objetivo diz respeito ao ensino de Cristo, à sua Palavra. O que está em vista, no contexto de unidade, é que, para que haja verdadeira união, é necessário um referencial objetivo. Os problemas de Colossos estavam relacionados com ideias outras, estranhas ao ensino de Cristo. Como pode um grupo diversificado estar unido sem um fator de unidade reconhecido por todos? O ensino de Cristo é este fator objetivo, perante a qual todos devem se humilhar, abandonando suas vãs ideias e tradições, para que haja verdadeira união, não apenas emotiva e psicológica, mas também fundamentada na verdade revelada pelo Senhor. Observe-se a ênfase de Paulo com o uso do termo **πλουσίως**, “ricamente”, advérbio que expressa a importância do agir da Palavra entre o povo de Deus.

A próxima frase **ἐν πάσῃ σοφίᾳ**, “com toda sabedoria”, que aparece cinco vezes no NT (quatro em Paulo, sendo três em Colossenses – 1.9, 28), poderia estar relacionada com o início do verso 16. No entanto, a melhor pontuação parece ser a que segue o sentido mais provável do texto, unindo-se à oração seguinte. A expressão diz respeito à maneira como deve ser ministrado o ensino. Os participípios que seguem **διδάσκοντες** e **νουθετοῦντες**, como um paralelo de 1.28, aparecem com força de imperativo, pois dependem sintaticamente do imperativo do início do versículo. Paulo requer uma atitude de mútua edificação por meio do “ensinar” e do “aconselhar ou prover instrução”. Observe-se

²³ MOULE, 1957, p. 124.

aqui a ideia de interdependência entre os irmãos, o que mostra a impossibilidade de um cristianismo sem igreja, individualista. Os dois verbos manifestam a esperança de que o conteúdo da fé seja propagado por meio de ensino e conselho (verbo cuja raiz no grego é “mente”), estabelecendo a ideia de que é necessário compreender com a mente a Palavra de Cristo; não se trata de misticismo autônomo, concebido em virtude de uma polarização entre mente e espírito. Essa transmissão da verdade cristã, fica muito claro, resulta do “habitar” da Palavra de Cristo do versículo anterior.

A segunda parte do v. 16 (veja Efésios 5.19) apresenta um problema de interpretação um pouco difícil. A questão técnica é se o particípio ᾄδοντες, “cantando”, depende dos dois primeiros participios, o que indicaria que o ensino e o aconselhamento estariam ocorrendo por intermédio de composições musicais, ou se ele deve ser sintaticamente independente, como traduzem a NVI, a NRSV, a Elberfelder Bibel e a Einheitsübersetzung Bibel. Nesse caso, o verbo teria, por conseguinte, força de imperativo sendo ligado aos participios anteriores por um conectivo aditivo. Naturalmente, a tradução deveria ser “e cantem”, o que parece ser a melhor opção. Assim, os participios paralelos ficam sob regência do “Habite ricamente”.

Em seguida aparece a oração “cantem salmos, hinos e cânticos espirituais”. É muito interessante o fato de que o texto se volta para o contexto de culto. Quando o cristão abandona seu espaço particular e dirige-se ao espaço de toda a igreja, ele já está se afastando de si mesmo em direção ao seu relacionamento fraternal/espiritual. O momento do culto é quando se dá o afastar-se de tudo e o voltar-se para Deus, juntamente com a comunidade. Para que essa unidade seja mais definida, nada melhor do que a beleza da harmonia musical. O momento do cântico congregacional leva todas as vozes a cantar a mesma sílaba e nota da mesma música, ao mesmo tempo. Ainda que o cântico seja individual ou de um grupo, a atenção geral da igreja dirige-se para o som harmonioso. Assim, o cantar na companhia dos irmãos tem valor indizível; todos esquecem seus problemas particulares e, juntos, glorificam ao Senhor. A música na igreja, pelo menos do ponto de vista desse texto, tem o propósito de produzir unidade.

O fascínio das melodias poderia fazer alguém perder o próprio Senhor no cântico congregacional. Ainda que o propósito do texto seja o de comunicar o ensino do Senhor por meio de composições musicais, muitos são os que se voltam para a música e pouco se importam com a letra e o seu ensino. Para mostrar que a música pela música não é o foco do culto cristão genuíno, Paulo acrescenta duas expressões: ἐν τῇ χάριτι, “com gratidão”, e ἐν ταῖς καρδίαις, “em seus corações”. As duas expressões já apareceram no texto e conservam seu sentido básico. A ideia de gratidão é de novo enfatizada. O cântico deve ser entendido e ser uma expressão de alegria e agradecimento a Deus. A frase “em seus corações” não estabelece contraste com as vozes. Trata-se de uma expressão que pretende solicitar o louvor do homem como um todo, um louvor genuíno, não uma mera manifestação musical de exterioridades.

A última questão a ser tratada no versículo é a dos três termos²⁴ usados por Paulo para descrever as composições musicais que fazem parte do culto: salmos, hinos e cânticos espirituais (ψαλμοῖς, ὕμνοις e ᾠδαῖς πνευματικαῖς). O que querem dizer? São distintos? C. Vaughan²⁵ acha que rígidas distinções entre os termos são desaconselháveis. Faz, porém, uma distinção entre os salmos, cânticos do AT, e os outros dois termos, composições cristãs. J. B. Lightfoot,²⁶ baseado em comentários de pais da igreja, prefere distingui-los. Os salmos são acompanhamentos musicais, os hinos são louvores a Deus, e cânticos é um termo genérico. E. K. Simpson e F. F. Bruce²⁷ também preferem a ideia de distinção e interpretam os cânticos espirituais como cânticos não-premeditados e provocados pela ação

²⁴ O NDTNT, vol 1, p. 346-353, apresenta uma excelente abordagem sobre o sentido dos três termos, artigo escrito por K. H. Bartels.

²⁵ VAUGHAN, vol. 11, p. 216.

²⁶ LIGHTFOOT, 1890, p. 222-3.

²⁷ SIMPSON, E. K.; BRUCE, F. F. *Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1957, p. 284-285.

do Espírito (veja 1 Coríntios 14.15), sendo, portanto, uma espécie de adoração extática. A dificuldade dessa interpretação está no fato de o adjetivo concordar com os outros dois termos; pode ser que **πνευματικαῖς**, “espirituais”, seja um qualificador dos três termos. Além disso, no contexto, a ação do Espírito está relacionada com os efeitos da Palavra de Cristo. Ainda que seja possível algum tipo de adoração extática, não é propósito do texto ressaltá-la. Quanto ao sentido dos três termos, não se tem chegado a uma conclusão definitiva sobre as possíveis distinções. De qualquer maneira, há um elemento de diversidade musical no texto, mostrando certa riqueza de hinos e espaço para uma variedade saudável, elemento importante para se manter a unidade em meio à diversidade inevitável.

O verso 17 traz o desfecho da perícopos. Depois de falar sobre o culto, Paulo enfatiza os efeitos da Palavra de Cristo além das fronteiras da celebração. Assim a totalidade da vida deve estar marcada pelos efeitos da Palavra. O texto grego não repete o verbo **ποιέω**; há uma elipse do verbo, que apareceria no imperativo. A expressão “em palavra ou em ação” delinea de modo completo os limites do agir humano. Construimos ou destruimos por meio do falar e do fazer. Tudo deve ser feito em nome do Senhor Jesus. Qual o sentido de tal frase? Em primeiro lugar, devemos lembrar a importância do Nome. Esse uso do termo aparece muito em Atos e é teologicamente bastante importante.²⁸ Sendo a fé cristã primitiva uma doutrina sem ícones, o referente do divino delinea-se por meio linguístico. A sucessão fonética plena de sentido é a “imagem” que temos dele. O batismo é feito em nome da Trindade divina (Mt 28.19, 20). Os demônios são expulsos em nome de Jesus (At. 16.18). O Nome salva (At 4.12) e cura (At 3.6). Enfim, na visão de mundo semítica, o nome não se distancia da ontologia de quem o possui. Deus criou o mundo falando! Além de tudo isso, no Novo Testamento, levar o nome de Jesus significa ser seu representante autorizado. A ideia do texto provavelmente vai nessa direção. O Nome deve lembrar-nos de nossa posição de cristãos e, assim, interferir no nosso viver. No contexto de Colossos, o Nome, sob o qual todos estão, deve ser o fator de unidade para a igreja. Todos pregam o nome, oram em nome dele e manifestam toda a religiosidade em nome de Jesus. A falta de unidade cristã é problema seríssimo na Teologia do Novo Testamento.

Finalizando, Paulo, pela terceira vez, repete a ideia de agradecimento. Deve ficar evidente que isso é internacional. Ninguém pode viver na dimensão sócio-fraternal com um coração descontente com Deus. O cristão genuíno deve ter uma vida marcada por um espírito contente. Por meio de Cristo, de seu nome, devemos dirigir o louvor de gratidão a Deus Pai, que nos deu o Filho; Ele, o Pai, fundamento último da realidade, razão de ser da unidade e da diversidade desta, juntamente com o Filho e o Espírito Santo também é o modelo de unidade e amor plenos que a igreja sempre deve ter em mente.

REFERÊNCIAS

ABBOT, T. K. **International Critical Commentary**. 1956.

ABBOTT, T. K. **The Epistles to the Ephesians and to the Colossians**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1897.

ALETTI, Jean Noël. **Lettera ai Colessesi**. Bologna: EDB, 1994.

ARNOLD, Clinton. **The Colossian Syncretism: the interface between Christianity and Folk Belief in Colossae**. Grand Rapids: Baker, 1996.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (edits). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

BARTH, Markus; BLANKE, Helmut; BECK, Astrid B. **Colossians: a New Translation with Introduction and Commentary**. New Haven-London: Yale University Press, 2008.

²⁸ Veja NDIINT, vol 3, artigo de H. BIETENHARD, p. 276-283.

- BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. **Greek-English Lexicon of the New Testament**. Oxford Press, p. 561.
- BEALE, Gregory K. “Colossenses”. BEALE, G. K.; CARSON, Donald A. (org.) **Comentário do uso do Antigo no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BEETHAM, Cristopher A. **Echoes of Scripture in the Letter of Paul to the Colossians**. Leiden-Boston: Brill, 2008.
- BRACE, E. F. **The Epistles to the Colossians, to Philemon and to the Ephesians**. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1984.
- BRUCE, F. F. “The Colossian Heresy”. **Bibliotheca Sacra** 141, 1984.
- BUJARD, Walter. **Stilanalytische Untersuchungen zum Kolosserbrief**: als Beitrag zur Methodik von Sprachvergleichen. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1973.
- CAIRD, G. B. **Paul’s Letters from Prison**. Oxford: University Press, 1976.
- COPENHAVER, Adam. **Reconstructing the Historical Background of Paul’s Rhetoric in the Letter to the Colossians**. London: Bloomsbury T&T Clark, 2018.
- DIBELIUS, Martin. **An die Kolosser, Epheser, an Philemon**. 3.ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1953.
- DUNN, James D. G. **The Epistles to the Colossians and to Philemon**. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- ESSER, H. H. **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (NDITNT)**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- FRANCIS, F. O.; MEEKS, W. A. **Conflict at Colossae**. Missoula: Scholars Press, 1973.
- FRANK, Nicole. **Der Kolosserbrief im Kontext des paulinischen Erbes**: eine intertextuelle Studie zur Auslegung und Fortschreibung der Paulustradition. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.
- HAHN, Eberhard. **Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2006.
- HARRIS, Murray J. **Colossians & Philemon**. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.
- HENDRIKSEN, William. **Colossenses e Filemom**. São Paulo: Cultura Cristã, 1993.
- HOOKER, Morna D. **“Were There False Teachers in Colossae?” Christ and Spirit in the New Testament**. Cambridge: Cambridge Press, 1973.
- HOULDEN, J. L. **Paul’s Letters from Prison**. Philadelphia: Westminster, 1970.
- HOUSE, H. Wayne. “Heresies in the Colossian Church”. **Bibliotheca Sacra** 149, 1992.
- KÜMMEL, W. G. **Introduction to the New Testament**. SCM, 1966.
- LENSKI, R. C. H. **The Interpretation of St. Paul’s Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus and to Philemon**. Wartburg, 1946.
- LIGHTFOOT, J. B. **Saint Paul’s Epistles to the Colossians and to Philemon**. London, Macmillan, 1890.
- LOHMEYER, E. **Die Briefe an die Philipper, an die Kolosser und an Philemon**. 13.ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1964.

- LOHSE, E. **Colossians and Philemon**. Philadelphia: Fortress Press, 1971.
- LOUW, J.; NIDA, E. **Greek Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains**. London: UBS, 1988.
- MARTIN, Ralph. **Colossenses e Filemon: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1984.
- MOO, Douglas. **The Letters to the Colossians and to Philemon**. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.
- MOULE, C. F. D. **The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon**. CGTC. Cambridge: University Press, 1957.
- O'BRIEN, Peter T. "Cartas aos Colossenses". In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. São Paulo: Vida Nova / Paulus / Loyola, 2008.
- O'BRIEN, Peter T. **Colossians, Philemon**. Word Biblical Commentary. Waco: Word, 1982. Vol. 44.
- PAO, David W. **Colossians & Philemon**. Grand Rapids: Zondervan, 2012.
- PATZIA, A. G. **Colossians, Philemon, Ephesians**. San Francisco: Harper & Row, 1984.
- PÉREZ MILLOS, Samuel. **Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Colosenses**. Barcelona: CLIE, 2015.
- ROBERTSON, A. T. **A Grammar of the Greek New Testament**. Broadman.
- SCHWEIZER, E. **The Letter to the Colossians: a commentary**. Minneapolis: Augsburg, 1982.
- SCHWEIZER, Eduard. **La Carta a los Colosenses**. Salamanca: Sígueme, 1987.
- SIMPSON, E. K.; BRUCE, F. F. **Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians**. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.
- STANDHARTINGER, Angela. **Studien zur Entstehungsgeschichte und Intention des Kolosserbriefs**. Leiden: Brill, 1999.
- STETTLER, Christian. "The Opponents at Colossae." PORTER, Stanley E. (edit.). **Paul and His Opponents**. Leiden: Brill, 2005.
- VAUGHAN, Curtis. **Ephesians – Philemon: The Expositor's Bible Commentary**, Grand Rapids: Zondervan, Vol. 11.
- WIEDERKEHR, D. **Die Theologie der Berufung in den Paulusbriefen**. Universitäts-verlag, 1963.
- WRIGHT, N. T. **The Epistles of Paul to the Colossians and to Philemon**. TNTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*